

Setor de máquinas se recupera

- Brasil
Do Correspondente

São Paulo - "Estou convencido que estamos na iminência do início da retomada do desenvolvimento". Com esta expressão, mista de euforia e prudência, o industrial Walter Sacca, presidente do Sirdicato Nacional e da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas, resumiu ontem, em São Paulo, o que foi para o seu setor o transcorrer da 15ª Feira da Mecânica Nacional, durante a qual houve uma clara e real reativação de negócios. "Todos nós conseguimos matar a saudade dos tempos em que os contatos tinham o sabor de venda", acrescentou Sacca, esclarecendo que a maioria dos expositores se mostra satisfeita com a quantidade e qualidade dos contatos realizados e com o nível de vendas efetuadas, acima da expectativa.

Reunindo em seus trinta mil metros quadrados de área de exposição cerca de quinhentas empresas, a Feira da Mecânica recebeu, nos seus dez dias de funcionamento, mais de 160 mil visitantes, entre os quais se encontravam 560 compradores estrangeiros vindos de quarenta países. Patrocinada pelo Sindimaq e pela Abimaq, a Feira da Mecânica Nacional é um

evento bienal que reúne os principais fabricantes de máquinas operatrizes e transformadoras do país. Ela se realiza desde 1959 e é considerada a principal amostra da produção nacional do setor, sendo esperada já tradicionalmente pelos industriais interessados em renovar ou modernizar seus equipamentos, tanto no Brasil como nos países latino-americanos, principalmente Argentina, Chile e Uruguai.

Este ano, pela primeira vez, a Feira recebeu a visita de uma missão da Organização das Nações Unidas, reunindo representantes de várias agências de desenvolvimento industrial e científico que gastam, anualmente, em torno de 11 bilhões de dólares na compra de equipamentos destinados aos países subdesenvolvidos.

PATAMAR ESTAVEL

Em seu contato com os jornalistas, Walter Sacca disse que os empresários do setor vinham de uma feira, há dois anos, na qual haviam "entrado entusiasmados e saído decepcionados". Este ano, entretanto, a uma participação bastante cética correspondia um "encerramento entusiasmado". Além de restabelecer um clima de maior confiança em relação ao futuro do País, disse Sacca, a

atual Feira foi a da consolidação das máquinas de controle numérico, que haviam nascido praticamente há dois anos e que, agora, alcançaram sua maioridade, principalmente pela qualidade da fabricação nacional.

Em relação ao desempenho do setor, o presidente do Sindimaq/Abimaq foi mais comedido, lembrando que ainda não é possível dizer que haja essa retomada de crescimento. Ela só ocorre, normalmente, seis meses após a retomada do crescimento do país, da qual parece haver alguns indícios positivos em setores de produtos finais, como a indústria automobilística, a de eletrodomésticos e de manutenção e reparos. "No setor de bens de capital, entretanto, podemos dizer que a queda parou há quatro meses. Estamos em um patamar sem crescimento nem queda das vendas e dos empregos, embora ainda tenhamos uma ociosidade média de 45 por cento da capacidade instalada e uma ocupação ao nível de 50-55 por cento do normal". Na sua opinião, não se pode dizer que o setor de bens de capital esteja melhorando, mas certamente pode-se afirmar que "há quatro meses deixou de piorar".

Como explicar o nível de vendas acima da expectati-

va? Sacca o atribui a pelo menos duas causas, certamente misturadas com outras, mas mais evidentes. Em primeiro lugar, as novidades apresentadas pelos expositores, que não se reuniam em feira há dois anos e que foram esperadas pelos interessados em reequipar suas empresas. E a feira o melhor lugar para examinar, comparar e decidir. Em segundo lugar, sua impressão de que chegamos ao final de um período de recessão, durante o qual não se investiu, não se renovou. Essa imobilidade sempre se resolve, após certo período, em uma pressão de compra, pois ninguém quer ficar desatualizado e, assim, fora do mercado.

ESPERANÇAS

Depois de amargar uma redução de suas vendas da ordem de 30 por cento sobre 1982 no ano passado, o setor de máquinas poderá crescer de 5 a 10 por cento em 1984. Esta é a esperança do presidente do Sindimaq/Abimaq, que diz contar principalmente com o mercado interno para atingir essa meta. Em 1983, o setor de máquinas faturou cerca de 4,8 trilhões de cruzeiros, sendo que as exportações representaram de 25 a 30 por cento desse valor (ou cerca de 900 milhões de dólares).